

## O DIA MAIS FRIO: Capítulo 2 – Exceção

Dia 2 de maio de 2640. Olho para o horizonte artificial da Estação 11. Estou apreensivo. Hoje é o dia da apresentação.

Falei da nossa situação volátil com a minha esposa Hellen e a minha filha Heloíse mantendo o tom da voz plano, quase robótico. Se eu não passar segurança, elas sofrerão por antecipação. O destino da nossa vida aqui depende de eu conseguir simular uma alma para a rede de neurônios Perceptron/Adaline.

A conferência começa às dez. Eles vão reunir todos os *stakeholders* e envolvidos no projeto em uma transmissão global. O teste será ao vivo: nosso *software*, embutido no pseudoencéfalo M-8 (oito módulos), será acoplado diretamente na interface de um modelo humanoide Nexus 2600, o de última geração.



Figura 13 – Update do humanoide

Cheguei dez minutos adiantados. Minha tela de monitoramento se divide em vinte *feeds* de vídeo. Vejo rostos tensos de executivos e, no centro, o laboratório de integração da Terra. O Gestor, uma imagem perfeita de serenidade corporativa, inicia:

**Gestor:** Boa noite a todos. Estamos aqui com um humanoide da Nexus para o teste funcional, após o acoplamento do novíssimo pseudoencéfalo. Dr. Frederick, por favor.

**Dr. Walter Frederick:** *(Um homem pequeno, de jaleco impecável, se inclina sobre o humanoide).* Estou reprogramando a EPROM para aceitar um novo modelo. Todas as conexões estão alinhadas. O M-8 já está instalado dentro da pseudocaixacrânica.

**Gestor:** Ótimo. Assim que o processo terminar, poderemos fazer a demonstração?

**Dr. Walter Frederick:** Está pronto. Deixe-me apenas checar as pupilas... Sim, elas dilatam e contraem como um humano. Perfeito!

**Alexis Vance:** *Dilatação pupilar. Reação fotônica. A parte Perceptron está operacional. Preciso de emoção, Walter. Não de reflexo.*

**Gestor:** Excelente! Dr. Frederick, por favor, inicie o protocolo de estresse emocional.

O Dr. Walter Frederick se aproxima do humanoide, cujo rosto imaculado está vazio de expressão. Walter, tentando simular o estímulo de agressão para provocar uma resposta de defesa, ergue o queixo e solta a ofensa com desdém acadêmico.

**Dr. Walter Frederick:** Escute bem, sua máquina de ferro barato. Seus circuitos mal valem o preço da matéria-prima. Você é um desperdício de recurso, e seu único propósito é limpar o lixo que produzimos. Você é um erro.

Foi aí que tudo deu errado!

A resposta não foi o medo calculado, nem a hesitação, nem a frieza. Foi o impulso. O humanoide mal piscou. Num movimento que quebrou a rigidez de seu pescoço artificial, a mão robótica disparou como um raio, acertando o lado esquerdo do rosto de Frederick.

O som da bofetada foi oco e violento, capturado perfeitamente pelos microfones da sala. Frederick voou. Ele atravessou a bancada de metal com um estrondo e caiu do outro lado, com a cabeça pendurada para fora do campo de visão da câmera. O humanoide permaneceu parado, em posição de defesa, o Perceptron, agora deve ter classificado a ameaça como "ELIMINADA".

O Gestor piscou duas vezes, incrédulo. O silêncio na videoconferência era absoluto.

***Voz Fora do Feed:*** Ele... ele está com o maxilar quebrado! Chamem a equipe médica!

Gritos abafados e o som metálico de algo sendo derrubado. O humanoide, ainda em pose de combate, era a única coisa em foco.

Aqui na Estação 11, eu apertei a têmpora, sentindo o suor frio na nuca. O impulso não fora refreado. Existe exceção. Uma falha!

***Dr. Alexis Vance:*** (*Sua voz, tensa e aguda, irrompe no silêncio da conferência*). Há exceção! A falha é nas meninges! O filtro químico não refreou o impulso fotônico! A camada que deveria simular a hesitação, o componente Adaline, não funcionou! Ele não hesitou, apenas reagiu!

O Gestor, finalmente encontrando a voz, olhou para o *feed* do meu vídeo, seu rosto uma máscara de fúria e confusão.

***Gestor:*** Doutor Vance, o humanoide acabou de quebrar o maxilar de um de nossos engenheiros em uma transmissão global! Você está me dizendo que a falha do seu *self*... é uma membrana?!

O Gestor se despediu com uma formalidade gélida, e os *feeds* de vídeo foram se desconectando um a um, deixando-me sozinho na tela escura da minha sala. Eu estava absorto, a mente girando freneticamente enquanto o som distante da bofetada violenta ao Dr. Frederick ainda ecoava nos meus ouvidos.

— Deve ser um problema na condutividade do componente químico. Talvez o substrato de polímero não tenha a viscosidade ou a condutividade correta — murmurei, apoiando a cabeça nas mãos. — Preciso rever todos os cálculos.

Eu não conseguia me levantar. Estava quase catatônico, mas minha mente funcionava mais rápido do que o núcleo fotônico do humanoide. Quando finalmente consegui dizer alguma coisa, as palavras eram um sussurro gélido:

— Minha culpa.

Sim, estava claro. A culpa era minha. Os humanoides são desprovidos de culpa; não adianta tentar puni-los. Na verdade, aquela tapa na cara do Dr. Frederick quem deu fui eu. Eu forcei o limite do Perceptron, e o Adaline, primitivo como era, apenas cedeu ao impulso.

A Queda Social: Ranking de Mérito:

O golpe não foi apenas na reputação; foi na nossa vida. Nossa passagem para fora do Satélite Alasca estava garantida. O remanejamento seria imediato.

Na nova ordem mundial, a lealdade e o mérito para com as multinacionais definem a sua latitude e longitude. A sociedade é rigidamente estratificada:

Classe	Localização	Nível de Mérito	Descrição
<b>A</b>	<b>Satélites Artificiais</b>	<b>Alto</b>	O ápice do privilégio. Onde vivem os cientistas e executivos que fornecem o maior benefício e o conhecimento essencial.
<b>B</b>	<b>Colmeias Submarinas</b>	<b>Médio</b>	O nível de gerência e técnicos essenciais. Vida confortável, mas sob a pressão constante dos oceanos e das metas de produção.
<b>C</b>	<b>Cidades Flutuantes</b>	<b>Baixo</b>	A vasta maioria dos trabalhadores de serviço, logística e manutenção. A vida é dura, dependente dos suprimentos.
<b>D</b>	<b>Fortalezas (Recifes)</b>	<b>Presidiários / Foragidos</b>	Zonas de trabalho forçado ou esconderijos. Não contam com segurança corporativa e vivem à margem das leis do pacto.

Nós éramos a Classe A e agora seríamos despencados para a Classe B. A Nexus estava trocando a vida no espaço com vista para a Terra pelo peso do Atlântico sobre nós (com vista para os peixes).

Caminhei até a área de convivência, onde Hellen e Heloíse esperavam. A gravidade artificial, controlada por campos de força, parecia subitamente pesada em meus ombros.

Hellen, minha esposa, estava lendo um relatório de mercado na tela de cristal, alheia à catástrofe que acabara de se desenrolar no *feed* global. Heloíse, minha filha, estava sentada perto da vigia, observando a dança das tempestades elétricas no céu terrestre—aqueles reflexos vermelhos que agora anunciavam a nossa decadência.

— Hellen. Heloíse.

Minha voz falhou na primeira tentativa. Hellen levantou o olhar, percebendo a tensão inédita.

— Alexis, o que houve? A conferência acabou cedo. Você conseguiu?

Eu inspirei profundamente. A única forma era ser direto, usando a frieza que a Corporação sempre esperava de mim.

— Não consegui. O pseudoencéfalo M-8 teve uma falha de integração no módulo Adaline. O Humanóide agrediu o Dr. Frederick na transmissão.

Hellen empalideceu. Ela não perguntou sobre o Dr. Frederick; ela perguntou sobre a única coisa que importava:

— O remanejamento. Para onde eles vão nos mandar?

— Classe B. Colmeias Submarinas.

— Mas... Atlântico Norte ou Sul?

— Norte. Eles precisam de um especialista em controle de humanoides lá. É uma área menos... desenvolvida.

Heloíse, que não havia dito nada, finalmente se virou. Seu olhar, penetrante e como sempre estranhamente satisfeito, encontrou o meu.

— Classe B, Pai? Poxa! Mas vamos ver pelo lado bom; assim poderemos ver o mar todos os dias.

Isto é sem dúvida um ponto bem positivo, os oceanos são revoltados e cheios de correntes marítimas, mas apesar disso são extremamente limpos.

A Nexus foi rápida. Tínhamos 48 horas para fazer a transição. Em meio à histeria contida de Hellen e ao silêncio opressor de Heloíse, precisei me agarrar aos fatos técnicos do meu novo destino, a Classe B.

Morar nas colmeias submarinas não será o inferno em chamas que Hellen imagina, mas também não é a prisão de luxo que eu perdi. Cientificamente falando, o ambiente é fascinante. O sucesso da vida marinha oceânica reside nas bolas de reciclagem.

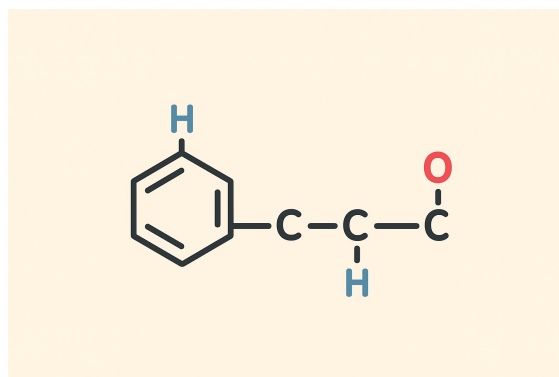
Por todos os oceanos, a Corporação lançou essas estruturas leves. Elas não são simples cestos de lixo; são engenharia molecular flutuante. Elas boiam nas marés, retirando ativamente partículas de poluição, lixo humano mal triturado e microplásticos. O truque está no núcleo: elas transformam quimicamente esse material em um tipo de cristal de carbono totalmente sintético.

E é aí que entra a ciência do século XXVI.

Descobrimos que não se pode extrair o Hidrogênio e o Oxigênio da água do mar de forma direta e eficiente. O método antigo da eletrólise foi abolido há séculos porque gastava uma quantidade absurda de energia, tornando-o insustentável em escala global.

O segredo está no lixo. É preciso que os elementos de interesse — o Hidrogênio e o Oxigênio — se liguem em cadeias desse cristal de carbono sintético. Depois de removido, o cristal de carbono atua como um catalisador estável dentro das células de dissipação, nas paredes das colmeias, onde os gases essenciais (H e O) são obtidos a um custo energético muito baixo.

Na Colmeia do Atlântico Norte, meu novo projeto ainda será o controle dos humanoides, mas minha expertise técnica será crucial para fazer a manutenção das células de dissociação para que continuem operando.



*Figura 14 – Fórmula Estrutural*

Apesar de passar para a classe B, vou ter um novo laboratório. Mesmo com a minha queda, ainda tenho a chance de continuar trabalhando com o que realmente mantém a nossa civilização: os humanoides. Eles estão em toda parte: nos satélites artificiais, nas cidades flutuantes e em colmeias submersas, eles fazem todo tipo de trabalho sujo.